



Na Estante da Moda

Luciana da Silva Bertoso
(Organizadora)

Luciana da Silva Bertoso
(Organizadora)

Na Estante da Moda

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora

Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
N144	Na estante da moda [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana da Silva Bertoso. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Na Estante da Moda; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-335-4 DOI 10.22533/at.ed.354192205 1. Moda – Pesquisa – Brasil. 2. Moda – Estilo. 3. Vestuário. I. Bertoso, Luciana da Silva. II. Série. CDD 746.9209
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Na estante da moda*” da Atena Editora, organizada em dois volumes, aborda pesquisas interpretadas por diversas perspectivas. A moda pode ser interpretada como um fenômeno, pelo qual ocorrem mudanças e transformações, envolve aspectos sociais, ambientais, econômicos e políticos. E além disso a indústria da moda engloba inúmeros processos e *stakeholders*, desde a extração da matéria-prima até o fim da vida útil de uma peça de vestuário, calçado, acessório entre outros produtos. O primeiro volume apresenta 21 capítulos e se inicia com uma abordagem histórica e sociocultural da moda, com pesquisas sobre o vestuário e as relações sociais hierárquicas, apontando como a partir da vestimenta se davam as relações de classes no Brasil, bem como a identidade da moda brasileira foi influenciada por determinadas culturas, como a europeia, africana e indígena. Nesse sentido, a moda é tratada como fenômeno que traz o novo como fator de estratificação social, diferenciação, e construção de identidades abordado também por perspectivas semióticas e psicanalíticas.

Sendo assim é possível ainda relacionar a moda com a produção da indumentária cênica, apontando como esta auxilia na construção das identidades dos personagens e as percepções acerca dos processos de construção do figurino.

Já o volume dois nos seus 36 capítulos trata a moda no âmbito da cadeia produtiva têxtil e de confecção que envolve os processos e empresas que atuam no desenvolvimento de produtos de moda, desde a extração da matéria-prima até o uso e descarte do vestuário. Aborda o design, a inovação e os processos criativos, como também a sustentabilidade econômica, ambiental e social. E finaliza com discussões acerca da moda no âmbito educacional.

As possibilidades de pesquisas e discussões sobre moda são vastas, por isso neste livro tentamos abordar alguns trabalhos que retratam um panorama geral, com os principais temas relevantes para a área.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer as pesquisas em moda apontando os desafios e oportunidades, e instigando pesquisadores, professores, designers e demais profissionais envolvidos ao debate e discussão de um setor que impacta de forma significativa no mundo.

Luciana da Silva Bertoso

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POIRET E IRIBE: REFLEXÕES ENTRE MODA E HISTÓRIA Camila Carmona Dias DOI 10.22533/at.ed.3541922051	
CAPÍTULO 2	13
A EUROPEIZAÇÃO DA INDUMENTÁRIA BRASILEIRA RETRATADA POR JEAN-BAPTISTE DEBRET Elton Luís Oliveira Edvik DOI 10.22533/at.ed.3541922052	
CAPÍTULO 3	23
JEAN- BAPTISTE DEBRET E O VESTIR FEMININO NO BRASIL Marina Seif DOI 10.22533/at.ed.3541922053	
CAPÍTULO 4	36
INSPIRAÇÃO CANGAÇO Ingrid Moura Wanderley DOI 10.22533/at.ed.3541922054	
CAPÍTULO 5	50
A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA Gabriela Cristina Maximo Evandro Fernandes Alves DOI 10.22533/at.ed.3541922055	
CAPÍTULO 6	59
O GLAMOUR DESPOJADO DA MARCA MARC JACOBS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA Daniela Nery Bracchi DOI 10.22533/at.ed.3541922056	
CAPÍTULO 7	66
O CORPO NÔMADE E A INDUMENTÁRIA CIGANA: O CASO DOS CALONS DO ESTADO DE SÃO PAULO João Gabriel Farias Barbosa de Araújo DOI 10.22533/at.ed.3541922057	
CAPÍTULO 8	83
REFLEXÕES SOBRE MODA E GÊNERO: UMA TEORIA DA REAPROPRIAÇÃO E RESISTÊNCIA Camila Carmona Dias Cayan Santos Pietrobelli DOI 10.22533/at.ed.3541922058	
CAPÍTULO 9	95
MODA NÃO-BINÁRIA: DA DISCUSSÃO PARA A EXECUÇÃO Barbara Evelyn Brito da Silva, Helder Alexandre Amorim Pereira DOI 10.22533/at.ed.3541922059	

CAPÍTULO 10	110
A IMPORTÂNCIA DA MODELAGEM NA UNIFICAÇÃO DE GÊNEROS	
Fabiana Caldeira Tridapalli	
Glória Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.35419220510	
CAPÍTULO 11	120
A MODA QUE ESTÁ NA MODA: COLEÇÃO “DIVERSOS CAMPOS”	
Lisete Arnizaut de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.35419220511	
CAPÍTULO 12	132
MODA PROPRIETÁRIA: UMA ANALOGIA ENTRE SISTEMAS DE COMPUTADOR E O SISTEMA DA MODA	
Yasmin Alexandre Có	
Cláudia Regina Garcia Vicentini	
DOI 10.22533/at.ed.35419220512	
CAPÍTULO 13	143
PRÁTICAS COMUNICACIONAIS NO VAREJO DE MODA: APROPRIAR PARA ESTABELECE R IDENTIDADE	
Natalia Colombo	
DOI 10.22533/at.ed.35419220513	
CAPÍTULO 14	155
REFLEXÕES DE SIGNOS DA MODA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Laise Ziger	
Edivaldo José Bortoleto	
Fábio Daniel Vieira	
Everton Gabriel Bortoletti	
DOI 10.22533/at.ed.35419220514	
CAPÍTULO 15	161
O PROCESSO CRIATIVO DOS TRAJES DE CENA DA INSTAURAÇÃO CÊNICA “NO ME KAHLO”	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.35419220515	
CAPÍTULO 16	170
A TEMPESTADE (1990): TRAJES PARA UM ENSAIO MINIMALISTA	
Sérgio Ricardo Lessa Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.35419220516	
CAPÍTULO 17	181
DESIGN DO FIGURINO DO GRUPO TAO DRUMS	
Amy Nagasawa Maitland	
DOI 10.22533/at.ed.35419220517	

CAPÍTULO 18	189
A HISTÓRIA DO FIGURINO NO CINEMA PORTUGUÊS: JASMIM DE MATOS	
Nívea Faria Souza	
DOI 10.22533/at.ed.35419220518	
CAPÍTULO 19	197
FIGURINOS DE VICTOR MOREIRA PARA OS PERSONAGENS DEMÔNIOS DA “PAIXÃO DE CRISTO”	
Andréa Cavalcante de Almeida Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.35419220519	
CAPÍTULO 20	213
MADEMOISELLE NOUVELLE VAGUE: O EMPODERAMENTO FEMININO POR MEIO DO FIGURINO	
Morena Panciarelli	
DOI 10.22533/at.ed.35419220520	
CAPÍTULO 21	221
TRAJE DE CENA: A POESIA VISUAL DA LOUCURA COMO PERSPECTIVA CRIATIVA CÊNICA	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.35419220521	
SOBRE A ORGANIZADORA	233

A EUROPEIZAÇÃO DA INDUMENTÁRIA BRASILEIRA RETRATADA POR JEAN-BAPTISTE DEBRET

Elton Luís Oliveira Edvik

Centro de Tecnologia da Indústria Química e
Têxtil, Faculdade SENAI CETIQT
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: Este estudo pretende refletir sobre a construção da aparência vestida de um indivíduo considerado civilizado no Brasil do início dos oitocentos, a partir das aquarelas do pintor Jean-Baptiste Debret. Destacam-se aqui, para efeito de análise, os indígenas tidos como civilizados, os escravos de casas ricas e os negros libertos. Trata-se de uma síntese de minha monografia de conclusão do bacharelado em Artes Visuais (habilitação: Figurino e Indumentária), apresentada em dezembro de 2016 na Faculdade SENAI CETIQT, no Rio de Janeiro. A pesquisa foi orientada pela Prof. Ms. Luciana Barbosa de Sousa.

PALAVRAS-CHAVE: Debret; indumentária; europeização.

ABSTRACT: This study intends to reflect on the construction of the dressed appearance of an individual considered civilized in Brazil from the beginning of the nineteenth century, from the watercolors of the painter Jean-Baptiste Debret. Will be analyzed the natives considered as civilized, the slaves of rich houses and the freed blacks stand out. This is a summary of my

conclusion monograph of the Bachelor of Visual Arts (habilitation: Costumes and Clothing), presented in December 2016 at the SENAI CETIQT Faculty in Rio de Janeiro. The research was guided by Prof. Ms. Luciana Barbosa de Sousa.

KEYWORDS: Debret; clothing; europeanization.

1 | INTRODUÇÃO

A eleição de preceitos para determinar o quão civilizado é um sujeito mostra-se como um comportamento bastante antigo das sociedades ocidentais. No século VIII a.C., viveu Homero, um poeta da Grécia antiga. Num de seus principais poemas épicos, Odisseia, o protagonista e herói da Guerra de Troia, Odisseu, ao chegar a um lugar estranho na sua viagem de volta para casa, costumava se perguntar se os habitantes do lugar seriam civilizados ou não. Naquele contexto, ser civilizado implicava ser gentil com os estrangeiros e respeitar os deuses. E no Brasil oitocentista? Quais costumes (no sentido lato da palavra) foram adotados com o intuito de construir o perfil de um indivíduo civilizado? Esta pesquisa baseia-se na produção artística e textual do pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848), atentando-se para a aparência vestida e para o comportamento dos brasileiros

que, de alguma maneira, ascenderam socialmente. Pretende-se problematizar a possível existência de um vestuário considerado “civilizado”, proveniente de um longo processo de adaptação aos padrões estéticos e culturais de procedência europeia. Para isso, procurou-se estabelecer o cruzamento das seguintes fontes: os relatos dos viajantes estrangeiros, a produção escrita e iconográfica de Debret e os estudos de historiadores brasileiros que se dedicaram a pesquisar o Brasil dos oitocentos.

Entre 1816 e 1831, Debret esteve no Brasil (especialmente no Rio de Janeiro) atuando como pintor da corte, professor da Academia e, ainda, registrando uma série de cenas cujas aquarelas seriam publicadas em três volumes sob o título de “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”. Em meio a uma sociedade muito religiosa, hierarquizada e cheia de contrastes, Debret descobre a cada instante um novo motivo para tomar o pincel. Serge Gruzinski destacou a importância de sua obra e o que salta aos olhos do pintor: “as observações inscrevem-se sempre na diacronia: Debret é sensível ao movimento do tempo e aos costumes que mudam, embora o parisiense que ele nunca deixou de ser assinala prioritariamente o avanço do bom gosto, a chegada das modas europeias” (ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001, p. 190). O senso de observação e o interesse por um registro, a priori, etnográfico tornaram o trabalho de Debret uma fonte muito rica de estudo da história social brasileira. Vera Beatriz Siqueira destaca o cuidado de Debret ao retratar as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro desde a chegada da corte portuguesa:

Debret esforça-se, nos anos em que permanece no Brasil, para registrar os costumes antigos, rapidamente modificados pelo contato vaidoso com o cosmopolitismo dos cortesãos europeus. A sua longa estada permite-lhe presenciar a modificação nas vestimentas, nos calçados, nos hábitos cotidianos, nas construções, e até na situação política, com a passagem da Colônia para o Império independente em 1822. (SIQUEIRA, 2007)

A europeização dos costumes dos habitantes do Brasil certamente se iniciou já no século XVI, com a colonização. Contudo, a chegada da família real e de toda a corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, renovou o contato do Brasil com a Europa e intensificou o processo que, segundo o sociólogo Gilberto Freyre, “alterou a paisagem brasileira em todos os seus valores. Reeuropeizou-a – ou a europeizou – o quanto pôde” (FREYRE, 2004, p. 432). A historiadora Maria do Carmo Teixeira Rainho acredita que a europeização foi a base do chamado “processo civilizador” e consistiu na campanha pela eliminação das influências orientais até então predominantes, especialmente na cidade do Rio de Janeiro” (RAINHO, 2002, p. 54). Mas se por um lado os modos da maioria dos brasileiros eram tidos como selvagens, o mesmo adjetivo pode ser aplicado aos ideais capitalistas que estavam por trás do processo de reeuropeização. Essa campanha defendida pelos dirigentes brasileiros, desde 1808, interessava aos industriais ingleses e franceses e aos comerciantes e importadores estrangeiros e brasileiros que, após a abertura dos portos, comercializavam com facilidade seus produtos.

Freyre (2004, p. 430) destaca, também, que após três séculos de relativa

segregação entre o Brasil e a Europa não ibérica, esboçara-se um tipo brasileiro de senhor, outro de escravo, mas também “um meio-termo: o mulato que vinha aos poucos desabrochando em bacharel, em padre, em doutor, o diploma acadêmico ou o título de capitão de milícias servindo-lhe de carta de branquidade”. Como podemos perceber, nos hábitos vestimentares desses indivíduos, esse “desabrochar” social e o processo de “branquidade” apontado por Gilberto Freyre?

2 | A INDUMENTÁRIA MESTIÇA

Em “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, Debret inicia o segundo volume com a classificação geral da população brasileira pelo seu grau de civilização. Essas categorias foram estabelecidas, segundo o pintor, pelo governo português. Seguem as onze denominações usadas na linguagem comum:

1. *Português* da Europa, português legítimo ou *filho do reino*. 2. *Português nascido no Brasil*, de ascendência mais ou menos longínqua, *brasileiro*. 3. *Mulato*, mestiço de branco com negra. 4. *Mameluco*, mestiço das raças branca e índia. 5. Índio puro, habitante primitivo; mulher, *china*. 6. Índio civilizado, caboclo, índio manso. 7. Índio selvagem, no estado primitivo, *gentil tapuia*, *bugre*. 8. *Negro de África*, *negro de nação*; *moleque*, negrinho. 9. *Negro nascido no Brasil*, *crioulo*. 10. *Bode*, mestiço de negro com mulato; *cabra*, a mulher. 11. *Curiboca*, mestiço de raça negra com índio. (DEBRET, 2008, p. 103)

Debret se debruçou sobre a representação e o estudo de sociedades indígenas, às quais nomeava como tribos, dividindo-as de acordo com seu nível de civilidade. O pintor afirmou que a inteligência varia “sensivelmente dentro das próprias subdivisões de uma mesma raça e na medida de sua civilidade.” (DEBRET, 2006, p. 68) Assim, segundo essa classificação debretiana, os mandrucus e mongoiós foram considerados selvagens, os botocudos pouco civilizados, os puris, camacãs e coroados mais ou menos civilizados e os guaranis foram considerados civilizados ou, pelo menos, selvagens convertidos ao catolicismo. O orientalista inglês William Gore Ouseley, que esteve no Rio de Janeiro entre 11 e 25 de setembro de 1810, observou a esposa de um chefe botocudo e relatou:

Essa rainha brasileira, como a chamavam, foi trazida para o Rio de Janeiro a mando do príncipe regente, que desejava, por meios conciliadores, civilizar a raça dos canibais. As roupas que foram arranjadas para ela e para os dois filhos eram constantemente rasgadas por eles. A mãe selvagem, no entanto, não dispensava seu colar, feito de dentes humanos; sob os lábios, havia uma abertura muito extensa, um rasgo, com uma peça de madeira devidamente encaixada, que pendia para a frente de maneira assaz desagradável. (FRANÇA, 2013, p. 50)

É preciso ter em mente o caráter normativo desse tipo de relato, assim como das representações e classificações realizadas por Debret. Suas observações estavam bastante obedientes às concepções e anseios europeus da época, assim como à ideia de que tornar-se civilizado é um benefício recebido pelo selvagem.

Uma particularidade importante, indispensável a um cidadão civilizado, era ser

evangelizado. Arrisca-se dizer que, muito provavelmente, é a partir da conversão ao catolicismo que o indígena e o negro conquistam a permissão de adotar uma conduta e uma aparência europeizadas. A seguir, um exemplo que figura essa discussão.



Figura 1: Índia Guarani civilizada a caminho da Igreja em trajes domingueiros

Fonte: BANDEIRA; LAGO, 2017.

Ao analisar o traje da índia (Figura 1) em destaque, é preciso fazer algumas ressalvas para que esse olhar esteja devidamente contextualizado. Primeiramente, a cena não foi retratada num ambiente urbano e Debret já deixa claro no título que aquele é um traje domingueiro, só usado em ocasiões específicas e, provavelmente, sua melhor roupa. Além disso, o pintor sugere que essa índia pertence a uma família abastada.

A aldeia de São Vicente, perto da cidade de Rio Pardo, província de São Pedro do Sul, constitui-se igualmente de famílias desses índios civilizados, que se dedicam com êxito à cultura da uva [...] Os guaranis proprietários, que têm o hábito de sair somente à cavalo, usam o rico costume hispano-americano. (DEBRET, 2008, p. 66)

Esse costume hispano-americano citado por Debret refere-se ao traje característico da região do Prata, portugueses ou espanhóis. Maria Beatriz Nizza da

Silva (1993, p. 227) percebeu certo desenvolvimento na maneira de vestir das índias: “[...] primeiro, o simples vestuário cotidiano de camisa e saia de algodão grosso, de modo que nunca se vejam nuas nem rotas; depois uma camisa de linho e saia de alguma droga para domingo; mais tarde sua capa, lenço, fita de cabelo, sapatos ou chinelas.” A índia de Debret se encaixa, claramente, ao grau mais avançado dessa progressão vestimentária que segue um ideal europeu. Sua postura também denuncia isso. Ela enrola o leque em um lenço branco e o segura com as duas mãos, posando-as sobre o ventre.

O capotão ou carrick de cabeções é a sobreveste que pousa sobre os ombros da índia e que pode ser apontada em outras iconografias debretianas (“Interior de uma residência de ciganos” e “Um funcionário a passeio com sua família”, por exemplo). Nota-se que, de uma maneira geral, esse modelo é usado por mulheres da sociedade oitocentista que deixaram de pertencer a uma classe marginalizada, como a dos índios selvagens, por exemplo, e desejam o respeito merecido pelos “cidadãos civilizados”. Silva (1993, p. 228) defende que, no caso das mulheres, e principalmente das índias, essa insistência pelo resguardo do corpo acontecia para evitar que elas despertassem os desejos sexuais dos brancos.



Figura 2: Interior de uma residência de ciganos
Fonte: ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001.

Louis de Freycinet, que esteve no Brasil entre 6 de dezembro de 1817 e 29 de janeiro de 1818, observou os ciganos residentes no Rio de Janeiro e redigiu o seguinte

comentário:

Dignos descendentes dos párias da Índia, de onde parecem ser originários, os ciganos do Rio de Janeiro cultivam, como aqueles, todos os vícios e são propensos a todos os crimes. A maioria deles dispõe de grandes riquezas e ostentam um luxo considerável em vestimentas e em cavalos – sobretudo quando comemoram suas núpcias, sempre muito suntuosas. (FRANÇA, 2013, p. 158)

A cigana da Figura 2 ostenta um capotão como o da índia guarani. Nota-se que a peça não é totalmente vestida, mas pousa sobre o corpo de quem a usa. Esse detalhe nos permite entender que essas mulheres não estão envolvidas em pesados trabalhos braçais, conferindo a elas maior prestígio diante daquela sociedade.

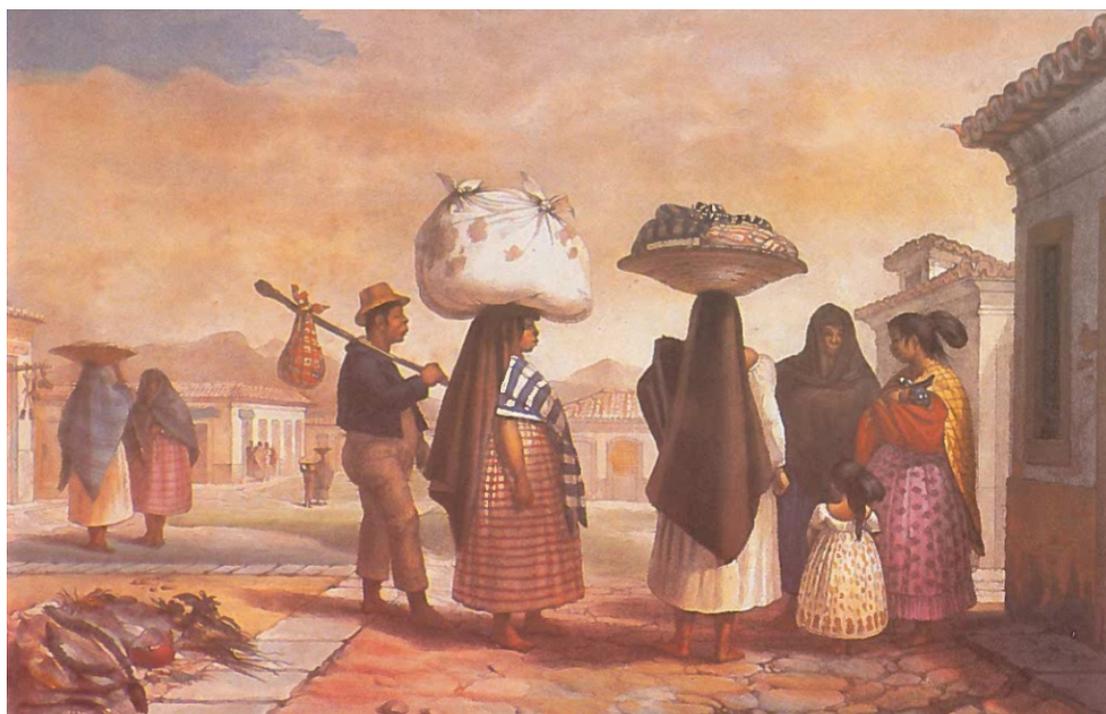


Figura 3: Caboclas lavadeiras na cidade do Rio de Janeiro

Fonte: ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001.

Debret, autor da pintura acima, referia-se aos caboclos como “trabalhadores indígenas semisselvagens” (DEBRET, 2008, p. 65). Já Johann Moritz Rugendas, pintor bávaro que esteve no Brasil entre 1822 e 1825, fez uma leitura dos índios mansos ou civilizados muito parecida com o que Debret retratou. O pintor fez o seguinte registro:

A tentativa de juntar aos índios selvagens alguns índios já civilizados, ou da mesma tribo ou de tribos aliadas, parece ter dado bom resultado. Até agora, entretanto, os índios mansos não parecem diferir muito dos índios selvagens; usam, porém, pelo menos nas solenidades, calças largas e camisolas; alguns têm chapéu de palha. As mulheres possuem vestidos de chita de cores vivas; as cabanas são um pouco maiores e mais bem construídas (RUGENDAS, s/d, p. 179).

Destaca-se, aqui, uma observação feita por Debret ao descrever esta prancha. O pintor diz que os caboclos, “como os mulatos, adquirem facilmente os vícios da civilização” (DEBRET, 2008, p. 65). Podemos entender esses “vícios” como o processo

de assimilação dos modos europeus pelas classes marginalizadas da população brasileira. O pintor parece considerar esse como o único, e sem volta, caminho a ser seguido.

Silva (1993, p. 228) usou o termo “aculturação vestimentária” para designar a adoção, por uma sociedade étnica (no caso, os indígenas), de um fato da cultura das aparências da sociedade dominante (os europeus). Assim, pode-se pensar numa mestiçagem dos hábitos vestimentares, porém sempre tendo em mente que era a aquisição de costumes europeus que sinalizava o quão civilizado era o indivíduo.

3 | A APARÊNCIA QUE DENUNCIA UM NOVO STATUS SOCIAL

Deve-se ter em mente que os viajantes estrangeiros já traziam imagens preconcebidas da realidade que iriam encontrar. Com seu olhar de homem branco colonizador, esse observador por vezes registrou e divulgou a imagem do outro de maneira estereotipada. Segundo Peter Burke, os estereótipos muitas vezes são formados pela oposição da autoimagem do espectador. O autor acredita que “os estereótipos mais grosseiros estão baseados na simples pressuposição de que “nós” somos humanos ou civilizados, ao passo que “eles” são pouco diferentes de animais como cães e porcos, aos quais eles são frequentemente comparados” (BURKE, 2004, p. 157). Assim, entendemos o processo de estereotipagem como um processo de desumanização, uma vez que “eles” são transformados em exóticos e distanciados do “eu”.



Figura 4: Negras livres vivendo de suas atividades
Fonte: ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001.

A prancha acima retrata ex-escravas nas ruas do Rio de Janeiro. O artista fez o seguinte registro sobre esse grupo:

[...] na classe das negras livres, as mais bem-educadas e inteligentes procuram logo entrar como operárias por ano ou só por dia numa loja de modista ou de costureira francesa, título esse que lhes permite conseguir trabalho por conta própria nas casas brasileiras, pois com o seu talento conseguem imitar muito bem as maneiras francesas, trajando-se com rebuscamento e decência (DEBRET, 2008, p. 219).

Das três negras em destaque na pintura, podemos perceber que uma delas está mais próxima do “traje rebuscado e decente”, mencionado por Debret, do que as outras. Trata-se da negra à esquerda, aquela que apoia o pé direito no degrau da porta de entrada da casa de modas francesas. É notório, nessa negra liberta, o uso de meias brancas e a sobriedade das cores de sua vestimenta.

A inglesa Maria Graham, que esteve no Brasil entre os anos de 1821 e 1823, registrou em seu “Diário de uma viagem ao Brasil” o vestuário dos negros livres. Esse relato refere-se aos negros da cidade de Recife, mas nos permite refletir sobre as diferenças e semelhanças com a indumentária da então capital brasileira. Graham fez a seguinte descrição:

O vestuário dos negros livres é igual ao dos portugueses nativos da terra: jaqueta de linho e calças. Nos dias de cerimônia, uma jaqueta de pano e um chapéu de palha compõem tanto um negro como um cavalheiro branco. As mulheres em casa usam uma espécie de camisola que deixa demasiado expostos os seios. Quando saem usam ou uma capa, ou uma manta; esta capa é frequentemente de cores vivas. (GRAHAM, 1990, p. 137)

É preciso destacar que este processo civilizatório das classes marginalizadas do Brasil oitocentista não foi incorporado naturalmente na sociedade. Ao contrário. Negras vestindo-se como mulheres brancas e negros de cartola, sobrecasaca, luva e bengala eram vaiados por moleques, também negros, inconformados com esses sinais de renúncia à classe servil. O historiador Otávio Tarquínio de Sousa encontrou no jornal “Nova Luz Brasileira”, do Rio de Janeiro, de 9 de março de 1830 a seguinte publicação:

[...] se aparecia no teatro, em camarote, um “cidadão homem de cor, livre” entravam brancos e supostos brancos “a espirrar” - “uso de Portugal para insultar os pretos”, esclarece o jornal – e “a gritar fora preto, fora carvão, ao que se ajuntam assovios e algazarras. (FREYRE, 2004, p. 524)

Gilberto Freyre destaca que, práticas de incivilidade dessa espécie eram cometidas por frequentadores de teatros, gente da corte, que de maneira paradoxal se diziam altamente civilizados.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia do Brasil foi construída por meio de um olhar muito específico: o do colonizador. Para a feitura dessa construção, as narrativas dos viajantes estrangeiros

tiveram um papel crucial. Os relatos de viagem devem ser, primeiramente, localizados num contexto. Quem os escreveu, quando, onde e para que público leitor eles estavam sendo redigidos. É importante salientar que o objetivo desses esclarecimentos não é desqualificar o que foi narrado pelos viajantes, e sim localizá-los em seus lugares de fala e afastar esses discursos de uma noção de verdade absoluta.

A evangelização, o processo civilizatório e a abertura dos portos às nações amigas estimularam o uso das modas europeias de maneira normativa, tentando equiparar os brasileiros aos europeus. Mas a “indumentária civilizada” permanece, muitas vezes, cheia de influências orientais, africanas e indígenas. Vimos que, apesar dessa imposição aos padrões europeus, havia alguns elementos do vestuário que eram restritos aos brancos, assim como alguns elementos marcavam os cidadãos que ascenderam socialmente.

Não é de hoje que o Brasil é um país mestiço. Mestiço nas cores, nos gostos, nas modas. Talvez essa seja uma característica constante aos países que foram colonizados: a mestiçagem. Europeias ostentando penteados enfeitados pelas penas de animais selvagens, mulheres indígenas envoltas em xales de tecidos orientais e negras de vestidos românticos à moda francesa. Em um de seus relatos, Debret afirmou que os brasileiros faziam uso de uma indumentária anglo-portuguesa. Mas além de inglês e lusitano, esse vestuário também era francês, mouro, ameríndio e afrodescendente. O fato é que todas essas misturas, por vezes cheias de incoerências, são temas encantadoramente propícios para se estudar.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO. **Rio de Janeiro, cidade mestiça**: nascimento da imagem de uma nação. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BANDEIRA, J.; LAGO, P. C. do. **Debret e o Brasil**: obra completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2017.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino**: antologia de textos (1809 – 1818). Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., s.d.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Aquarelas do Brasil**: a obra de Jean Baptiste Debret. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 1, jan. 2007. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/debret_02.htm. Acesso em: 16 nov. 2016.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda do século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-335-4



9 788572 473354